

A caminhada de Garotinho rumo a 2002

Governador viaja por todo o país para fortalecer o PSB e criar uma estrutura forte para a campanha para presidente

Michel Filho/29-1-2001

Bernardo de la Peña e
Chico Otavio

• No princípio, era o verbo. Recém-eleito, o governador Anthony Garotinho corria o país pregando a palavra de Deus em igrejas evangélicas. Depois, vieram as trevas. Ele enfrentou a mais grave crise de seu governo e quase abandonou o sonho de disputar a Presidência da República. Mas, com a mudança de partido e os primeiros sinais de calmaria, Garotinho vê novamente brilhar a luz. Sua agenda nacional sofreu uma guinada: os templos cristãos deram lugar a gabinetes e locais públicos. Desde que se filiou ao PSB, ele percorre o Brasil em busca de aliados, numa agenda cada vez mais política e menos religiosa, sinal claro de que o sonho está de volta.

Nas andanças, Garotinho não esconde o desejo de ser candidato, razão pela qual tenta dar músculos ao PSB para uma disputa nacional. Ele lembra que a bancada federal do PSB, desde que ingressou no partido, já cresceu de 13 para 22 deputados (seis atraídos pelo governador só no Rio).

Garotinho tem agenda cheia de viagens pelo país

Nos próximos dias, Garotinho espera a adesão de outros três deputados: Fernando Zuppo (SP), Serafim Venzon (SC) e Eurípedes Miranda (RO). Na sexta-feira, ele esteve em Porto Alegre para abonar a filiação do deputado Ezídio Pinheiro. Na quarta-feira, vai a São Paulo filiar quatro deputados estaduais.

— Nossa meta é chegar em junho a 25 deputados federais. Onde não pudermos atrair deputados, traremos prefeitos e líderes regionais — diz ele.

A estratégia é fortalecer o PSB — já estruturado no Nordeste — no Sul e no Sudeste. Além de Ezídio e dos 120 sindicalistas da Federação dos Trabalhadores da Agricultura (Fettag) que se filiaram na sexta-feira, Garotinho espera levar para o PSB gaúcho o deputado Giovani Cherini e dez prefeitos:

— O PSB quer uma aliança das forças progressistas na eleição presidencial. Mas temos que estar preparados para uma candidatura.

Apesar do apelo à unidade, ele não perde a chance de alfinetar os petistas:

— Equivocadamente, o PT

defende que no primeiro turno cada partido tenha o seu candidato. Com um discurso arrogante, ele já se sente no segundo turno. Se formos analisar as votações, embora tenham vencido em cidades importantes, em todo o país tiveram só 15% dos votos.

Na semana passada, Garotinho esteve com prefeitos de Minas, onde pretende conquistar cinco deputados estaduais. Teve um encontro no mês passado com o deputado Cherini e 15 prefeitos gaúchos. Foi o próprio governador também quem convidou o deputado paulista Fernando Zuppo para entrar no PSB.

— Ele está preocupado em formar um partido no país — diz Zuppo.

A montagem de uma estrutura de campanha

Em outra frente, aliados de Garotinho montam o embrião da estrutura de campanha. O subsecretário de Governo, Beto Matos, é o coordenador do Movimento Nacional Garotinho Presidente, que já tem cerca de 500 militantes em todo o país. No Rio, o objetivo é criar até agosto dez mil conselhos populares, cada um com dez membros.

— São militantes, ligados a sindicatos e conselhos eclesiais. Até abril, teremos mil agentes no país. Quando dizíamos que Garotinho seria governador, todos riam e já usávamos esse processo. Funcionou em Campos e no Rio e é o caminho para chegarmos à Presidência — diz Beto.

O presidente regional do PSB, Alexandre Cardoso, admite que Garotinho está se articulando para ser candidato, mas diz que o assunto deve ser debatido no congresso do PSB em novembro. Já o governador de Alagoas, Ronaldo Lessa, diz abertamente que o PSB deve ter candidato próprio em 2002:

— Já no primeiro turno é importante que o PSB tenha candidato próprio. O ingresso do governador Garotinho aumenta a possibilidade. Se ele já era lembrado no tempo do PDT, não é porque trocou de partido que deixa de ser.

O governador do Amapá, João Capiberibe, concorda com Lessa, mas acha que o candidato deve ser um nome histórico do PSB. ■

COLABOROU: Higino Barros



MIGUEL ARRAES, Anthony Garotinho, Jaime Cardoso e Alexandre Cardoso, no ato de filiação do governador do Rio, em janeiro, na Uerj